
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil



Revista Cocar. V.14 N.29 Maio/Ago./ 2020 p.257-269

ISSN: 2237-0315

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas

Children's living world: a phenomenological study about their experience in Amazon floods

Taissa de Paula Brandão
José Vicente de Souza Aguiar
Maria Clara Silva-Forsberg

Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Manaus-Amazonas-Brasil

Resumo

A enchente é um dos fenômenos naturais que ocorre todos os anos na região Amazônica e atinge as cidades que se encontram às margens dos rios, principalmente as que estão na área de várzea. Neste artigo, objetiva-se compreender a relação da criança com o ciclo do rio por intermédio de um estudo fenomenológico sobre sua vivência no período da cheia. Consiste numa pesquisa de natureza qualitativa, realizada a partir das descrições do ambiente, das observações com registro fotográfico e dos diálogos com as crianças na faixa etária de 9 a 13 anos do município de Barreirinha/AM. Os resultados indicam que a cheia não altera a vivência das crianças, pois elas continuam a brincar com seus pares, reinventando-se por meio das brincadeiras nesse espaço hídrico, recriando o significado da vida, mediante as condições de existência do seu mundo vivido, o que revela a sua criatividade.

Palavras chave: Várzea, reinvenção da vida, fenomenologia.

Abstract

Flooding is a natural phenomenon that takes place every year in the Amazon region and affects cities on riverbanks, especially those in the floodplain area. This article aims to understand children's relationship with the river cycle by means of a phenomenological study about their experience in the flood period. It consists of a qualitative research, developed from environment descriptions, observations supported by photography and dialogues with children aged 9 to 13 in the municipality of Barreirinha/AM. The results indicate that the flood does not change the children's experience, as they continue to play with their peers, reinventing themselves through playful activities in the water, recreating the meaning of life, within the conditions of their living world, which portrays their creativity.

Keywords: Floodplain, reinventing life, phenomenology.

Introdução

A bacia Amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo, formada por múltiplos rios, os quais contornam grande parte das cidades amazônicas, tendo como rio principal o Amazonas, que junto com seus afluentes, cobre 7100 km de extensão, abrangendo vários países da América do Sul. Em vista disso, é considerado o mais abrangente, complexo e dinâmico sistema fluviolacustre do planeta (CARVALHO, 2006, p. 13).

Todos os anos, as cidades amazônicas, em suas particularidades, tornam-se inundadas pelo fenômeno natural da cheia dos rios da região, cujas áreas são alagadas durante a época de chuvas e boa parte da população ribeirinha, rural e urbana convive com as subidas e descidas das águas, que ocorrem em períodos diferentes. “Enquanto os rios da margem direita da bacia de drenagem estão em período de chuva (novembro/dezembro a maio) os da margem esquerda estão em estiagem” (SILVA e CARVALHO, 2018, p. 171).

No Município de Barreirinha, situado na margem direita do rio Amazonas, tivemos a oportunidade de acompanhar crianças em meio ao fenômeno da cheia das águas do rio, que ocorre no primeiro semestre de cada ano e atinge a cidade, a qual está localizada em uma zona de várzea, composta por vegetação típica da região, cujas áreas são alagadas durante a época das grandes chuvas na Amazônia.

No processo de observação da cotidianidade das crianças, ficamos atentos ao seu comportamento e envolvimento com aquele meio ambiente. Foi quando percebemos que elas expressaram uma compreensão daquela realidade. Mas que compreensão? E como a expressam? Pudemos notar que seus comportamentos e gestos adquiriram significados em suas expressões, principalmente por meio da brincadeira, que se faz muito presente na vivência delas com as cheias. A compreensão, de acordo com Bicudo e Paulo (2010), se dá na concretude da vida humana, nas possibilidades que o homem tem de ser e estar no mundo, não apenas em sua racionalidade, pois os atos de vida a antecedem na relação com o mundo vivido, ou seja, mediante as experiências que estabelecemos com o lugar habitado, nesse caso, com o espaço formado pela inundação das áreas de várzea.

A criança está no mundo e o vive da maneira como ele é apresentado a ela. Nesse caso particular, convive e reinventa a vida em meio às águas da enchente do rio. Para o adulto, esse momento corresponde a um período de muita tensão e preocupação, mas para a criança é uma fase de diversão na qual desenvolve experiências cotidianas de reinvenção

da vida. Dito isso, nosso propósito é o de compreender como a criança vivencia o mundo. Por esse motivo, recorreremos a Merleau-Ponty, para quem “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 200).

Com essa preocupação, visamos conhecer a relação da criança com o ciclo de enchente do rio, quando as águas avançam e inundam grande parte da cidade de Barreirinha, no Estado do Amazonas. Ao longo das observações dos modos de existência das crianças nas enchentes, percebemos que as brincadeiras envolvendo os espaços alagados se mostraram essenciais em suas vidas. No Amazonas, nas áreas de várzea, o principal espaço ocupado para adquirir experiências é o ambiente natural. Ali, a criança constrói sua identidade, compreende os inúmeros aspectos relacionados ao seu espaço, e passa a viver numa relação de interação com os fenômenos naturais da região.

O relacionamento da criança com as enchentes do rio é uma característica que marca o ser criança no Amazonas. Elas não medem esforços em se fazerem presentes diante dessa realidade, cuja observação fenomenológica possibilitou compreender tais relações, pois, de acordo com Bicudo (1994), a fenomenologia nos leva a pensar a existência diante do mundo vivido e, sobretudo, experienciado. O momento em que a condição de existir ganha sentido por meio das formas elaboradas de agir e ser no mundo.

A organização deste artigo encontra-se definida em três tópicos. O primeiro aborda um estudo da fenomenologia ancorado em Merleau-Ponty, o segundo enfatiza o percurso metodológico e, por último, o terceiro lida com a vivência das crianças em relação à enchente do rio, apontando a compreensão dessa relação a partir das suas falas, por acreditarmos que a criança possui um olhar diferenciado de suas experiências com o espaço, visto que o modo como se comporta diante dos fenômenos naturais mostra como entende a realidade vivida e como reinventa a vida.

O que seria um estudo fenomenológico?

Para que possamos compreender a relação da criança com o ciclo das águas do rio a partir de um estudo fenomenológico, precisamos compreender suas definições. Iniciamos com o pensamento de Bicudo (1994) em relação à palavra fenômeno, a qual vem da palavra grega *faínomenon* – que deriva do verbo *faínestai* – e significa o que se mostra, o que se manifesta e o que aparece. De maneira sucinta, é o que se manifesta para uma consciência.

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas
Além disso, a autora ainda ressalta que a consciência, na fenomenologia, é a intencionalidade, é o estar voltado para a realização de forma atenta (BICUDO, 1994, p. 17).

A doutrina nuclear em fenomenologia é o ensinamento de que cada ato de consciência que nós realizamos, cada experiência que nós temos, é intencional: é essencialmente “consciência de” ou uma “experiência de” algo ou de outrem (SOKOLOWSKI, 2004, p. 17). São definições que nos levam a compreender nossa existência no mundo. Portanto, a partir desse estudo, poderemos compreender a relação da criança com o rio, pois, na fenomenologia, “intenção” significa a relação da consciência que nós temos com um objeto (SOKOLOWSKI, 2004). Além disso:

À fenomenologia, o fenomenal, ao ser iluminado pelo olhar intencional daquele que olha, já é o fenômeno, isto é, já está enlaçado pela percepção. Esse é o sentido de afirmar-se que, para a Fenomenologia, nada há fora da consciência, mas que esta tudo abrange (BICUDO, 2011, p. 23).

Para Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia visa o estudo das essências, tais como a essência da percepção e a essência da consciência. A percepção é uma ação individual constituída pela pessoa acerca das experiências do espaço em que vive. O estudo realizado pela percepção busca conhecer a ação do ser humano com um propósito científico, cujo esforço se dá em entender como ele compreende e explica sua realidade.

Ainda de acordo com Merleau-Ponty (2011), tudo que se sabe do mundo, mesmo por ciência, se sabe a partir de uma visão individual ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. As pessoas são dotadas de uma capacidade única e individual de perceber aquilo que é significativo, que advém de uma experiência sem a qual não tem de imediato a resposta, é preciso, além de perceber, refletir e posteriormente analisar os diversos contextos que podem estar submetidos na consciência. Bicudo ainda ressalta que:

Ao afirmar que o fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou de percepção, a Fenomenologia está dizendo que não se trata de um objeto objetivamente posto e dado no mundo exterior ao sujeito e que pode ser observado, manipulado, experimentado, medido, contado por um sujeito observador. Não se trata, portanto, de tomar sujeito e objeto como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer (BICUDO, 2011, p. 30).

Sujeito e objeto sempre estarão entrelaçados. É possível compreender a relação do corpo com a percepção a partir da visão de Merleau-Ponty (2011), o qual afirma que a teoria do esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção. Segundo o autor, o ser humano reaprende a sentir o próprio corpo, por meio dele estabelece a relação com o

mundo, ou seja, pela sua corporeidade constrói as relações de experiências com o mundo.

De acordo com o autor, o corpo:

É origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos. [...] O corpo que é nosso meio geral de ter um mundo (MERLEAU-PONTY, 2011 p. 202).

O pensar fenomenológico não prescinde da práxis, isto é, da experiência vivida no mundo-vida. A essência de que trata a fenomenologia não é a idealidade abstrata dada *a priori*, separada da práxis, mas ela se mostra nesse próprio fazer reflexivo (BICUDO, 1994, p. 21). A percepção é um ato que nos dá as coisas do mundo como presença, no instante do agora em que o ato de perceber se realiza (MERLEAU-PONTY, 2011).

Procedimentos Metodológicos

O locus da nossa pesquisa se deu na cidade de Barreirinha/AM, Região Norte do país, com área territorial de 5.751,765 km² e população estimada de 31.593 pessoas (IBGE, 2018) a qual está situada na margem direita do Paraná do Ramos e localizada em uma área de várzea. Nos estudos geomorfológicos, Barreirinha é considerada área de várzea do rio Amazonas, sendo várzea a planície inundável de depósitos holocênicos, diferindo da terra firme, que são as porções mais elevadas nunca inundadas pela enchente do rio (SOUZA, 2012). Na cidade de Barreirinha, a água faz parte do cotidiano da população, possuindo, assim, uma situação particular. A vida tem suas mudanças quando a inundaçãõ passa a fazer parte do cenário urbano, o que ocorre quase todos os anos em que os níveis das águas dos rios são mais elevados.

Todo primeiro semestre do ano - de fevereiro a julho, a cidade é invadida pelas águas do Paraná do Ramos e do rio Andirá. Segundo Souza e Almeida (2010), a subida do nível das águas se dá lentamente, com aproximadamente 5 a 10 centímetros por dia, com duração de seis meses - como já citado, de fevereiro a julho.

As crianças possuem uma forte relação com esse fenômeno natural, a cheia, e vivem a sazonalidade dos rios amazônicos, uma vez que isso repercute diretamente na vida da população local. No caso específico das crianças, há, por exemplo, a adequação curricular para atender a carga horária estipulada em função desse fenômeno natural e o desaparecimento das áreas urbanas usadas para as brincadeiras. Entendido isso, buscou-se a realização de uma abordagem qualitativa da vivência da criança em relação à cheia, cujas

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas
observações de campo foram dirigidas para a percepção das vidas dessas crianças e suas expressões em relação com o ambiente inundado pelas águas.

Lançou-se mão da observação e da descrição a fim de coletar informações comportamentais das crianças e de sua relação com o ciclo do rio, visando conhecer como ela se reinventa. Pinheiro *et al* (2008) afirma que a observação na relação com a natureza assume particular importância como um recurso de que o pesquisador dispõe para conhecer os aspectos efetivamente manifestos do comportamento humano nos ambientes da vida real.

A partir da utilização da observação e da descrição, foi possível conhecer o que as crianças fazem no espaço inundado, quais atividades que elas realizam e o tempo de duração em que permaneceram efetuando suas ações na enchente que atingia, no período, a cidade de Barreirinha/Am. Assim, realizaram-se, no mês de junho de 2019, os registros fotográficos que permitiram uma análise do cotidiano infantil e sua relação com a cheia. Segundo Higuchi e Kuhnen (2010), os registros fotográficos permitem a apreensão de um momento da vida pelo olhar do outro, o que posteriormente serve para os atos de intencionalidade da consciência, quando submetidos às análises, o que estimula o pesquisador na elaboração das questões norteadoras usadas nos diálogos com as crianças.

Dessa forma, procuramos compreender como as crianças entendem o ambiente no período da cheia a partir de um diálogo realizado no mês de julho de 2019, quando as águas já estavam alcançando as ruas de acesso à escola. Como elas reinventam suas vidas, suas brincadeiras e suas sociabilidades nessa situação em que as águas substituem o solo, e o terrestre torna-se aquático? Para resguardar o anonimato das crianças com quem mantivemos o diálogo, optamos por identificá-las com nomes de pássaros da região.

Vivência da criança em relação à cheia

A área de várzea em sua metamorfose tem o poder de criar e recriar rupturas e adaptações na paisagem (SOUZA, 2012). O principal ator desse cenário é o ser humano que se encontra inserido naquele espaço, que busca construir a vida diante dos acontecimentos que englobam a várzea, como é o caso da alagação causada pelas cheias. Souza (2012) ainda enfatiza a convivência desafiadora entre componentes humanos e a natureza, toda integrada no ciclo anual da várzea. Nesse sentido, verifica-se que as populações que habitam as várzeas da Amazônia adquiriram a *capacidade de recriar seu modo de vida* mediante suas relações com a natureza.

Viver na Amazônia, nesse período, é ir além do aprender a contornar as diversas situações-problemas. A transformação do ambiente ocasiona grandes mudanças no comportamento dos sujeitos no período da cheia. As crianças são os principais atores desse cenário, pois elas se permitem vivenciar esses momentos sem medo de entrar em contato com os fenômenos que atingem diretamente sua cidade, experimentar tais situações em nenhum momento os torna limitados. Bicudo (1994) enfatiza que a *experiência* é compreendida como experiência vivida. Para esta concepção, não é o pragmático que importa, mas importa a práxis, quanto agir e fazer, de modo criativo e crítico.

Ao longo das observações, percebemos que as crianças fazem uso do espaço para brincar e, por meio dessas brincadeiras, elas agem de forma criativa. Consiste em um momento em que compartilham experiências, as quais fazem parte do seu imaginário e da sua percepção do mundo, de uma forma crítica, sem que haja, nesse processo, interferência do adulto.

No período da cheia, são construídas pontes¹ em algumas ruas, as quais se tornam vias de acesso. É comum encontrarmos crianças realizando suas atividades cotidianas, principalmente o trajeto para a escola, nessas pontes suspensas improvisadas, erguidas sobre as ruas submersas. Tais crianças possuem consciência da realidade quando afirmam: “pra mim é difícil a enchente porque a gente tem que passar pelas pontes para ir à escola, e algumas ruas não têm pontes e as aulas têm que parar” (Cigana, 10 anos).

Nas ruas mais atingidas pela cheia, não são construídas pontes, pois o nível da água alcança mais de um metro de altura, o que torna inviável a montagem dessas construções suspensas. Nesses locais, as crianças aproveitam para tomar banho, andar de canoa, vivenciando de forma que lhes permite experimentar o ser criança diante da mudança de cenário, o que acontece quando não estão sob supervisão de um adulto, pois, para este, a cheia é considerada um transtorno no dia a dia.

A partir das falas das crianças, compreendemos sua relação com o ciclo do rio. Quando dizem “eu gosto quando enche e fica perto de casa, a gente pula na água, não dá muito pra sair de casa para ir para a escola, fica difícil sair assim, a gente brinca muito quando enche” (Gavião, 11 anos). De acordo com Merleau-Ponty (2011), a criança é diferente do adulto, mas não por ter uma mentalidade de criança, e sim por ter um pensamento polimorfo que se apresenta sob aspectos, formas e modos diferentes e não categorial.

Podemos perceber, pela fala da criança quando diz “a gente pega a canoa e vai brincar na água, não fica fundo muito fundo, dá pra encostar o pé no chão ” (Arara, 12 anos), que seu pensamento é o de viver a realidade que está a sua frente. O pular na água reverbera e, com isso, essa é considerada a ação mais praticada pelas crianças no período da cheia.

A interação da criança com seus pares em viver esse momento se mostra muito presente, seja nas brincadeiras, nas risadas, no sentimento de liberdade ou na alegria estampada no rosto de cada uma delas (Figura 1). Esses são elementos perceptíveis do seu cotidiano na nova configuração do lugar criado pelo avanço das águas sobre as áreas que outrora eram de terra seca. É também possível afirmar que elas, as crianças, são agentes de potencialidades, que inventam condições de sociabilidades mesmo em ambientes modificados pelas águas.

Figura 1: Crianças nadando nas ruas inundadas, com a utilização da canoa.



Fonte: Brandão, 2019.

Os principais atores desse palco são os meninos, que aproveitam para tomar banho sem se desligar do brincar: eles entram na canoa e depois pulam na água, mergulham de um lado para o outro passando por debaixo dela, juntos a movimentam para que água possa adentrar e levá-la ao fundo, com isso, é como se estivessem lavando-a. “A gente brinca um pouco quando está cheio, fica mais perto da nossa casa. A água é limpa, dá pra tomar banho, gosto de brincar na canoa do papai que fica lá, a outra ele sai nela, aí todo mundo vai brincar” (Tucano, 13 anos). Tocantins (2000) afirma que há reciprocidade entre a criança

amazônica e o ambiente fluvial: a vida chega a ser, até certo ponto, uma dádiva do rio, e a água, uma espécie de fiador dos destinos humanos.

A criança traz consigo características de viver por experiências, de acordo com a sua compreensão, como descrito: “a cheia é legal, podemos brincar também, a gente brinca muito, de várias coisas, só que nossa mãe não gosta, ela tem medo, sabendo que tá com risco, mas se a gente quer brincar, pular na água [...]” (Cigana, 10 anos). Podemos perceber que, para ela, não há alteração no dia a dia no período da cheia dos rios, assim, esse momento se torna prazeroso, uma vez que as crianças continuam a brincar na água, a qual elas desejam sentir por meio do seu corpo, e estão conscientes de tais atos, pois, como assinala Bicudo e Silva (2018), o estar consciente dos atos realizados é dar-se conta deles, é percebê-los enquanto estamos na ação de realizá-los.

Esses atos, os perceptivos, constituem um primeiro nível de consciência. Quando a criança não experimenta o que o mundo lhe apresenta por algumas determinações dos adultos, seu processo de compreensão e percepção não é estimulado, com isso não haverá expressões que as levem a questionamentos e reflexões. Merleau-Ponty (2011) afirma que a constituição do conhecimento se dá em primeiro momento pelos atos sensórios, dentre os quais estão os de ver e tocar. As imagens capturadas aqui mostram tais atos se realizando.

Figura 2: Crianças brincando nas ruas inundadas.



Fonte: Brandão, 2019.

Jogar bola é uma das brincadeiras mais praticadas pelas crianças moradoras de Barreirinha, pois, no período da seca, são realizados inúmeros torneios infantis com o

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas

objetivo de incentivar a prática do esporte pelos pequenos. No entanto, quando as águas do rio invadem a cidade, não há como promover essa atividade, devido à inundação nos espaços reservados para isso. Apesar de tais dificuldades, uma das crianças afirma: “eu tenho vontade de brincar, eu acho legal se divertir um pouco, então a gente joga bola assim mesmo, d  vontade mesmo, não dá pra jogar com os outros porque tem uns que moram longe” (Gavião, 11 anos). Por meio da fala,   possível compreender que eles buscam adaptar suas brincadeiras   realidade da cidade, pois sentem necessidade de estarem em grupo, de terem um lugar para brincar, para se socializarem, trocarem ideias com os colegas (Figura 2).

Figura 3: Menina e menino realizando a mesma atividade, a pesca.



Fonte: Brandão, 2019.

Na Figura 3,   possível observar uma menina e um menino realizando a atividade de pesca em frente à sua casa. “Eu gosto, eu brinco... os meus amigos também eles gostam, tem muita criança que gosta, pescamos de brincadeira pra dar de comida quando a gente brinca de casinha. Ah, é muito legal” (Uirapuru, 10 anos). Nesta forma de perceber, tanto meninos quanto meninas realizam as mesmas brincadeiras, não há a separação destes nas atividades diárias. Eles permanecem, por um longo tempo, atentos à espera de pegar peixes, uma prática que tem por objetivo vivenciar as experiências do seu dia a dia por meio de brincadeiras.

Figura 4: Meninos pescando em cima da ponte temporária.



Fonte: Brandão, 2019.

Diante das vias de acesso inundadas e da existência temporária de pontes que são desfeitas no período da vazante, a criança não deixa de brincar e nem de utilizar seus pertences como brinquedos. Elas buscam alternativas de uso, exploram suas imaginações e se fazem construtores de seu próprio comportamento.

Na Figura 4, os meninos mais novos correm sobre a ponte, e os dois maiores andam, percebe-se que quanto mais nova é a criança, é também menor o medo. “De tarde a gente brinca mais, sai pra pescar, vai eu e meu irmão e aí a gente encontra também nossos amigos, é legal por causa que pega os peixinhos e depois a gente joga de novo ele pra água” (Jaçanã, 9 anos).

As crianças, no período da cheia, vão se recriando a partir de sua existência, sentem-se em um ambiente que podem desenvolver suas brincadeiras, e é raro expressarem insatisfação com esse fenômeno da cheia dos rios. O risco de caírem é enorme devido à largura da ponte, que mede 40 cm aproximadamente, mas isso não impede que todos os dias, no final da tarde, elas se encontrem. Pois a experiência motora do corpo-próprio é o modo pelo qual habitamos o mundo e as coisas nele presentes (MERLEAU-PONTY, 2011).

A brincadeira mais praticada pelos meninos é a pesca, não voltada para o sustento, e sim para desfrutar das águas próximas às suas casas. Com linha e anzol nas mãos, o momento de lazer se completa. Assim, a atividade é iniciada no momento em que a linha

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas com o anzol são jogados na água, então os meninos ficam de pé por alguns minutos à espera de pegar algum peixe e, quando isso não acontece, eles vão mudando de lugar ao mesmo tempo que puxam a linha sem retirá-la da água. “Eu gosto de brincar na cheia, de pescar, pular na água, às vezes não consigo pegar nada, aí vou com meus amigos jogando a isca até conseguir” (Uirapuru, 10 anos). Aos poucos, o lugar de encontro já não é mais o mesmo que o da realização da brincadeira de pesca.

Para a criança, a cheia reflete a sua naturalidade, ela sente a necessidade de aventurar-se por esse ambiente transformado pela enchente, que traz consigo a água para mais próximo da vivência do sujeito e que, aparentemente, parece não causar nenhum perigo. Nesse sentido, arrisca-se a enfrentar esse novo contexto em busca de experimentar o que encontra à sua frente, sem perder a essência de ser criança. Independentemente da presente realidade vivida, seu comportamento não muda, apenas há uma recriação do modo como realiza suas ações no enfrentamento da enchente.

Considerações Finais

A cidade de Barreirinha, no período da cheia, é um espaço hídrico que proporciona às crianças se reinventarem. Elas realizam pequenas atividades que para o adulto pode parecer não ter sentido. Elas se sentem construtoras e participantes destes espaços hídricos. Assim, não se pode pensar que diante da transformação da cidade pela enchente dos rios, o mundo infantil perde seu significado e a essência de explorar seu habitat.

O período da enchente desafia a maneira de ser da criança, ela passa a buscar alternativas de se expressar, de agir, de pensar sobre seu ambiente, sua cidade e outros aspectos que ela observa. Viver a infância envolvida pelas águas que emanam dos rios consiste num modo muito particular da criança dessa localidade. Elas, por meio de suas ações, desenvolvem a audácia, a coragem e principalmente a inteligência.

Diante da realidade amazônica, onde a criança cresce experimentando a dinâmica do rio, constitui-se um espaço de construção de conhecimentos sobre sua interação com o meio ambiente, acontecendo mudanças cognitivas significativas no que se refere ao modo de agir perante as cheias do rio.

Portanto, ser criança, diante dessa situação geográfica da Amazônia, é ver a vida com vários olhares, é ter experiências construtoras de autonomia, é caminhar e sentir a capacidade de vencer os obstáculos impostos à sua frente. Ser criança na Amazônia é brincar com o meio ambiente, é ir além dos perigos em busca de conhecimentos, estes que

são precisos para o seu desenvolvimento como um ser ativo de uma sociedade. É recriar a vida, é uma profunda demonstração de potência da vida de ser criança. Tendo isso em vista, a vida e as suas mais diversas expressões e brincadeiras não são interrompidas pelas cheias dos rios, pois as crianças, pelas suas capacidades, comandam e produzem formas de existências e de experiências mesmo considerando o ciclo das águas. Essa potencialidade da vida, expressa pelas brincadeiras e pelas invenções, é uma demonstração inequívoca de que essas podem ser utilizadas nas atividades escolares.

Referências

BICUDO, M.A.V.; SILVA, A. Análise de vivência em situações de constituição de conhecimento. In: **A prática na Investigação Qualitativa: exemplos de estudos**. Aveiro, Pt. Edição Ludomedia, 2018, p. 158-178.

BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidade de análise**. 1º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011, p. 41-74.

BICUDO, M.A.V.; PAULO, R.M. **Um estudo fenomenológico sobre a compreensão da geometria**. BAUMANN, A.P.P.; MIARK, R; MONDINI, F. LAMMOGLIA, B; BORBA; M.C (Orgs.) Maria em forma/Ação. Rio Claro: Editora IGCE, 2010, p. 243-254. 1 CD.

BICUDO, M.A.V. Sobre a fenomenologia da Percepção. In: BICUDO, M.A.V.; ESPÓSITO VHC. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação: Um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p. 95-102.

CARVALHO, J.A.L. **Terras caídas e conseqüências sociais: Costa do Miracauera, Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara- AM**. Dissertação (Mestrado no Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia do Instituto de Ciências Humanas e Letras) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2006.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane. Percepção e Representação Ambiental – Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Orgs.). **Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa – ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.Cidades.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/barreirinha.html>>. Acesso em: 03 de agosto de 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Orgs.). **Método de Pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SILVA, Amanda; CARVALHO, José Alberto. **Cheias na Amazônia: estudo socioambiental na cidade de Tefé-Am**. Revista Geonorte, vol.9, n.33, p.170-174, jul/dez, 2018.

O mundo vivido da criança: um estudo fenomenológico sobre sua vivência nas enchentes Amazônicas
SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SOUZA, Antônio Carlos. **Ambiente e vida regional ritmado pela várzea no complexo Solimões-Amazonas**. Revista Geonorte, vol.2, n.4, p. 91-102, jun/edição Especial 2012.

SOUZA, Camilo; ALMEIDA, Regina. **Vazante e enchente na Amazônia brasileira: impactos ambientais, sociais e econômicos**. Actas do VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física e II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física. Universidade de Coimbra, maio de 2010. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema4/jose_camilo>. Acesso em: 12 de maio 2019.

TOCANTINS, Lendro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 9. ed. Manaus: Editora Valer / Edições Governo do Estado, 2000.

Notas

¹ As pontes são de madeiras com uma espessura mais grossa do que o normal, com intuito de resistir tanto às pessoas que percorrem sobre ela, quanto à água que fica em contato direto com essa pequena construção, nesse período da cheia. São utilizadas duas tábuas, uma ao lado da outra, e estacas de madeira para dar suporte. Estão localizadas, na maioria das vezes, na lateral da rua, para não impedirem os veículos – como carros, motocicletas e até mesmo canoas – de circularem.

Sobre os autores

Taissa de Paula Brandão

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (2016), Especialização em Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar pela Faculdade Wenceslau Braz - Facibra (2016). Foi Pedagoga na Escola Municipal Hilma Dutra no Município de Barreirinha (2017) e na Secretaria Municipal de Educação de Barreirinha – SEMED (2018). Atualmente, é mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia - UEA. E-mail: taissabrandao28@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4315-3712>

José Vicente de Souza Aguiar

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (1993), mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela mesma Universidade (2000), Especialização em Políticas Governamentais, Desenvolvimento Sustentável pela Universidade do Estado do Amazonas e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de pesquisa e ensino de História. Desenvolve, a partir do campo teórico fenomenológico com aproximações aos estudos pós-estruturais, atividades na área de Educação e Ensino de Ciências, com ênfase para as seguintes temáticas: escola e bens culturais; processos educativos em espaços escolares e não escolares com foco para as pedagogias culturais; saberes tradicionais; ensino de ciências; narrativas emergidas do saber moderno sobre os povos indígenas e não indígenas na Amazônia. Atualmente, é professor da Universidade do Estado do Amazonas e encontra-se atuando na graduação de pedagogia e no Mestrado em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia- UEA. E-mail: vicenteaguiar1401@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7754-1620>

Maria Clara Silva-Forsberg

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982), mestrado em Ecologia, área de pesquisa em Ecologia Humana pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1991) e doutorado em Ciências Ambientais (Environmental Science, School of Public and Environmental Affairs - SPEA) - Indiana University (1999). Foi professora assistente no Departamento de Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina, de 1984 a 1993, e Professora Visitante da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, e do Center for Sustainable Development pela Boston University, na Costa Rica, América Central, em 2000 e 2001. Atualmente, é Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas na Coordenação de Ciências Biológicas, Laboratório de Ecologia Aplicada, e docente do Programa de Mestrado em Educação em Ensino de Ciências - PPGEEC e Doutorado em Educação em Ciências e Matemática na Amazônia - PPGECEM - REAMEC. E-mail: cforsberg@uea.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8924-2433>

Recebido em: 21/11/2019

Aceito para publicação em: 04/01/2020